



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

## O DISCURSO TRANSFORMA A DIFERENÇA EM OBJETO: A FICÇÃO MUSICAL COMO RECURSO CONTRÁRIO À NARRATIVA DE PODER.

Wendell Guedes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** É inegável que a música mexe, de algum modo, com os nossos sentidos. Ouvir uma canção pode alterar o nosso estado de humor ou aprofundá-lo. Do mesmo modo, quem compõe uma canção também tem algo a transmitir: sua percepção de mundo, estabelecer um diálogo com a realidade através de sua arte que é (ou não) algo novo e que se insere num possível campo fictício. Em outro aspecto, a letra musical é, também, um discurso que ganha eco na sociedade, podendo vir a ser transmissão de uma ideia, criando identidade, reconhecimento e pertencimento de quem a ouve. Coisas que, na escrita da música, isto é, sua letra, sob um olhar mais dedicado a analisá-la, é possível encontrar o ausente, o Outro (CERTEAU, 2015) que não foi reconhecido e que retorna, sob a ótica da ficção, para desafiar a realidade, perturbando, desafiando a ordem e gerando a intranquilidade. A arte, na forma da letra musical é uma das mais de mil maneiras de decifrar nos textos uma “inquietante familiaridade”. Assim, o ausente se faz presente na canção, na sua letra. Há na música possibilidades de compreensão que, por si só, a realidade não dá conta, sendo possível e necessário, recorrer a ela (a arte, de modo geral) para, de repente, darmos conta da compreensão do tempo, do espaço e da liberdade. Essas categorias e conceitos, tão caros à História, podem, numa possível relação que aqui procuramos estabelecer, entre uma teoria desenvolvida por Michel De Certeau e o letrista porto-alegrense Humberto Gessinger, nos trazer alguma luz e alguma contribuição para os estudos da teoria da História, afim de evitarmos uma narrativa que justifique formas de poder que cerceiam a liberdade que escapa à razão.

**Palavras-chave:** História. Ficção. Letras Musicais.

### *Liberdade*

[...] a busca da leveza como reação ao peso do viver. [...], uma busca do conhecimento, para mover-me no terreno existencial. (CALVINO, 1990, p. 41).

Ítalo Calvino, na citação acima, falava da Literatura e da leveza que ela pode nos transmitir ou que buscamos nela. Tal qual a música, quando a buscamos, procuramos

---

<sup>1</sup> Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: wendell.silva@ifce.edu.br



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

também, de igual modo, uma identificação que esta pode nos fornecer com a própria vida.

É inegável que a música mexe de algum modo com os nossos sentidos: se estamos alegres ou tristes, podemos ouvir uma canção que pode aprofundar nosso estado de ânimo ou modificá-lo ao oposto do que estamos sentido. Fato é que a música pode nos tocar de modo íntimo e transformar nosso humor instantaneamente. Dependendo daquilo que buscamos, a letra da música comunica, desenvolve laços de identidade e pode ser um alívio a quem procura abrigar-se de algum mal. Do mesmo modo, aquele(a) que compõe (escreve) a música também tem algo a transmitir, seja sua arte, seja sua visão de mundo, algo novo ou o que já foi dito antes. Não deixa de ser um diálogo sobre e para o mundo.

Em outro aspecto, a composição musical é um discurso que procura ganhar eco na sociedade, pode-vir-a-ser a transmissão, como dito, da identificação imediata com aquilo que o artista escreve, muitas vezes, sobre si ou uma ideia de si, ou que transmite ainda, o pensamento dos outros com discursos em cadeia, interdiscursivos. A arte permite isso, porque é humana e, na música, essa interação entre arte e humanidade tende a ser muitas vezes transformadora. O compositor reescreve musicalmente conforme suas experiências, uma (sua) visão de mundo e, ainda assim, a canção achará seu par perfeito.

Partiremos das seguintes indagações: qual ou quais as concepções de **liberdade** que circulava(m) no Brasil entre os anos 1986 e 1995, período do recorte desta pesquisa? Qual a ideia de **juventude**, igualmente, se compreendia neste contexto? Não que possamos responder categoricamente estas perguntas, mas é um ponto inicial para buscarmos na música indícios para alguma compreensão, mesmo sob a incapacidade de concluir algo.

A música, como parte da criação humana, cristaliza por meio das palavras, da sonoridade e da imaginação, um mundo existente e, eventualmente, propõe outro possível. A fantasia, resultante da imaginação do artista, traz sua própria visão da realidade, mas que não está descolada de outras realidades existentes. Por isso, a música (re)cria identidade, (re)cria a vida e cria novas possibilidades, potencialidades, um mundo cria ordens e desordens.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

É interessante lembrar que, Humberto Gessinger (nosso escolhido como compositor das músicas aqui apresentadas) bem como outros músicos e bandas do final dos anos 1980, tiveram em boa parte das suas composições um forte diálogo com a realidade vivida, isto é, de críticas à sociedade e à cultura em que estavam inseridos. Sendo conhecidas, em Gessinger, as influências recebidas da filosofia existencialista de nomes como Albert Camus e Jean-Paul Sartre. Então, questionar a existência e as decisões que tomamos (ou somos impelidos a tomar) são parte recorrente das suas composições.

No disco “Longe demais das Capitais”<sup>2</sup> (1986), uma canção explicita bem esses questionamentos:

A gente faz de tudo  
Mas nada faz sentido  
Nem as luzes da cidade  
Nem o escuro de um abrigo  
A gente faz de tudo  
Mas nada faz sentido  
Nem a existência de uma guerra  
Nem a violência do inimigo  
Não posso entender o que fizeram com nossas vidas  
Não posso entender por que viramos suicidas  
Oh! Oh! "O que fizeram com nossas vidas?"  
Oh! Oh! "Por que viramos suicidas?"  
Eu ando tão vazio, tão cheio de vícios  
E o fim da linha, é só o início  
De uma nova linha, de um novo mundo  
De um dia-a-dia cada vez mais absurdo  
Eu já pensei em mandar tudo pro espaço  
Eu já pensei em mandar tudo pro inferno  
Mas não pensei que fosse tão difícil  
Ficar sozinho numa noite de inverno  
Não posso entender o que fizeram com nossas vidas  
Não posso entender por que viramos suicidas  
Oh! Oh! "O que fizeram com nossas vidas?"  
Oh! Oh! "Por que viramos suicidas?"  
(GESSINGER, “Nossas Vidas”, 1986)

---

<sup>2</sup> Longe Demais das Capitais tem este título por referência a cidade de Porto Alegre, origem da banda Engenheiros do Hawaii e de seus primeiros integrantes, que consideravam sua localização geográfica, muito ao sul, distante de todas as demais capitais brasileiras. É, ainda, uma crítica sutil ao centro musical muito concentrado no eixo Rio-São Paulo que os colocava fora dos grupos de destaque no cenário musical.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

É de se notar que a letra carrega certo desespero e insatisfação. No entanto, a letra contrasta com o ritmo e melodia da canção que tem a batida suave de um *reggae* e cantada em ritmo lento, muito mais próxima de apresentar reflexões sobre a existência do que propriamente a revolta em tons mais esbravejantes.

De outro modo, percebemos que o compositor se questiona não “por que mudados?” Mas “por que deixamos que nos mudassem?” Colocada num tom passivo, a mudança que nos tornou suicidas, matando nossas escolhas e vidas, não é fácil de ser entendida ou, de modo simples, questionada. Dentro dos padrões estabelecidos e percebidos no “dia a dia cada vez mais absurdo”, “mandar tudo pro espaço” ou “pro inferno”, pode ser mais urgente do que parece. Pelo menos é o que está subentendido e não parece ser nada reconfortante “ficar sozinho numa noite de inverno”, quando tantos outros também devem estar sentindo o mesmo “frio”.

Continuemos neste álbum mais um pouco. Como observado, é o primeiro da banda e nos diz muito sobre seus conceitos musicais e estéticos em suas letras. Em conjunto, as músicas parecem uma ode à desilusão com a vida, a tudo o que perdemos. No entanto, o caráter das composições representam o oposto: chamar a atenção para a compreensão do caminho errado que estamos seguindo, demonstrando inquietude e a consciência do enquadramento social a que está inserido. O reconhecimento da derrocada pessoal e da humanidade se faz entender, mais uma vez, nas imposições culturais, nas armadilhas que, isolando uns dos outros, faz-nos seguir, muitas vezes, o mesmo caminho. Sem conversa, sem diálogo, sem inquietações, acabamos ficando sem saída.

Não me leve a sério, não me leve a mal  
me leve para casa  
Eu sou um bom rapaz, eu só bebi demais  
preciso ir pra casa  
Você me procurou, eu procurei dizer  
que não valia a pena  
Você não escutou, você me acusou  
de estar fazendo cena

[...]  
Você não sabe o que eu sinto  
Você não sabe quem eu sou



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

A gente entrou num labirinto  
Eu dancei, você dançou

Agora é tarde, já não tem mais jeito  
já não tem saída  
No fim das contas, a gente faz de conta  
que isso faz parte da vida  
(GESSINGER, “Todo Mundo é Uma Ilha”, 1986)

Se “agora já é noite, não faz sentido ficar se iludindo”, é porque se “perdendo” na escuridão e fugindo da claridade do dia (das coisas óbvias e, aparentemente inquestionáveis), conseguimos enxergar no “escuro” em que poucos se aventuram, revelar alguns dos desejos ocultos e perceber a incompreensão diante da construção do mundo em que vivemos.

Suave é a noite  
É à noite que eu saio  
Pra conhecer a cidade  
E me perder por aí  
Nossa cidade é muito grande  
E tão pequena  
Tão distante do horizonte  
Do país  
Nossa cidade é muito grande  
E tão pequena  
Eu sempre quis viver no Velho Mundo  
Na velha forma de viver  
O 3º Sexo, a 3ª guerra e o 3º Mundo  
São tão difíceis de entender  
(GESSINGER, “Longe Demais das Capitais”, 1986)

O trecho indica haver uma crítica às constantes mudanças: “o novo que já nasce velho”. Querer viver no “velho mundo”, “na velha forma de viver”, não significa estar fechado às mudanças ou não as aceitar, mas sim aproveitar um pouco do que se tem, antes de torná-las obsoletas num curto espaço de tempo. Este “novo” parece ser pouco atraente, indicado uma negação não ao que se apresenta de novidade, mas ao aumento dos conceitos e definições que continuam a dividir e não a diversificar. E, mais uma vez, remete ao isolamento de uma pequena cidade que pode ser, na verdade, ao pequeno “eu” diante do “nós”.

O que parece ser uma contradição por parte do compositor em negar o novo é, na realidade, negar um modelo de mundo que se apresenta como novidade, mas mantém



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

uma estrutura de aprisionamento, apenas com uma roupagem diferente. Essa é a percepção: as pessoas continuam isoladas umas das outras, vivendo em seu próprio mundo (de opiniões padronizadas), e não percebem que, sob a aparência da mudança, tudo permanece o mesmo, com pessoas sob controle e sem perceber este domínio sobre si.

Já não passa nenhum carro por aqui  
Já não passa nenhum filme na TV  
Você enrola outro cigarro por aí  
E não dá bola pro que vai acontecer  
Mais um pouco e mais um século termina  
Mais um louco pede troco na esquina  
Tudo isso já faz parte da rotina  
E a rotina já faz parte de você  
Você, que tem ideias tão modernas,  
É o mesmo homem que vivia nas cavernas  
Você, que tem ideias tão modernas,  
É o mesmo homem que vivia nas cavernas  
Todo mundo já tomou a Coca-Cola  
A Coca-Cola já tomou conta da china  
Todo cara luta por uma menina  
E a Palestina luta pra sobreviver  
(GESSINGER, “Crônicas”, 1986)

Este é o tipo de conexão que muitos perderam: “vivo no Brasil, o que tenho a ver com a Palestina?” Não se percebe que enquanto a “Palestina luta pra sobreviver”, o que está em disputa, aos olhos do compositor, é a luta da própria humanidade por um tipo de liberdade que ainda não se tem e não se conhece como será, mas que claramente não se encontra diante do que está posto. Provavelmente, esta liberdade será construída na ação cotidiana e o seu resultado só poderá ser descrito quando ocorrer, pois não se pode prevê-la. Se lá (na Palestina), esta é suprimida, por aqui, também perdemos, e quase ninguém “dá bola pro que vai acontecer”. Enquanto alguns não se importam com determinados acontecimentos distantes no espaço e no tempo, permanecendo isolados, a violência toma conta das cidades e dos próprios indivíduos fazendo com que um homem de “ideias tão modernas” continue a ser “o mesmo homem que vivia nas cavernas”. A rotina continua a nos absorver e tudo o que acontece ganha o ar de normalidade, desde o passar do tempo, ao louco que pede dinheiro na esquina à presença da Coca-Cola na China, em finais dos anos 1980.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Mas o encontro para uma transformação (seja ela qual for) é uma necessidade. O outro é uma busca que precisa fazer e ter sentido. A reviravolta da solidão e do isolamento acontece por uma imperiosa vontade de estar junto, por mais que isso seja mediado por conflitos, o contato que traz também confronto, cria a possibilidade de melhores expectativas quanto ao futuro e de superação de um passado difícil.

Cê diz que eu sou louco, eu digo: louca é você  
Cê diz que eu tenho pouco, quase nada a oferecer  
Tudo o que eu faço você diz que tá errado  
Cê me acha um fracasso, e eu não acho isso engraçado

[...]

Eu não te entendo, mas já dependo de ti  
Eu não te esqueço, mas nem teu endereço eu consegui  
Eu te procuro, tá tão escuro aqui  
Eu fico confuso, eu entro em parafuso  
(GESSINGER, “Sweet Begônia”, 1986)

A procura, às vezes, acontece. O desejo de estar junto quase sempre chega, mas de início não é facilmente compreendido. Não que seja uma dependência necessariamente pessoal, mas a dependência de pessoas que têm aspirações semelhantes e podem enfrentar as imposições e dificuldades juntas, de melhor modo que separadas. Enquanto se está só, longe do encontro com o outro, a escuridão domina, não deixa perceber a clarividente força da união em torno de ideais.

De igual modo, a canção “Terra de Gigantes” (GESSINGER, 1987) nos apresenta a necessidade de ruptura e questiona aquilo que falta para que esta aconteça. Numa autorreferência à canção de disco anterior, o compositor expõe conquistas pessoais, mas ressalta que coletivamente, as pessoas continuam separadas, “todo mundo é uma ilha”, e dificultam aspirações conjuntas de mudança e transformação.

Hey, mãe!  
Eu tenho uma guitarra elétrica  
Durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter

Mas, hey, mãe  
Alguma coisa ficou pra trás  
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer

Hey, mãe!  
Tem uns amigos tocando comigo



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Eles são legais, além do mais,  
Não querem nem saber  
Mas agora, lá fora  
Todo mundo é uma ilha  
Há milhas, e milhas, e milhas de qualquer lugar

Nessa terra de gigantes  
Eu sei, já ouvimos tudo isso antes  
A juventude é uma banda  
Numa propaganda de refrigerantes

As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude  
São heranças, são motivos pras mudanças de atitude  
Os discos, as danças, os riscos da juventude  
A cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude

[...]

Nessa terra de gigantes  
Que trocam vidas por diamantes  
A juventude é uma banda  
Numa propaganda de refrigerantes

A canção sugere que algo se perdeu na passagem do tempo entre o passado e o presente: o jovem que, provavelmente, queria uma guitarra para explorar e denunciar sua revolta ante o mundo e ver seu sonho pessoal realizado, inclusive, com amigos que “são legais” tocando com ele. No entanto, algo mudou, agora, com sua guitarra, mas todos sendo ilhas, o poder de enfrentar os gigantes de seu tempo parece estar dissolvido na solidão e falta do poder conjunto. As conquistas da juventude são heranças que não foram levadas adiante. Resta a frustração, a vergonha de não querer ver o próprio rosto antes do anoitecer, que é a chegada dos novos tempos, a escuridão que permite o reconhecimento entre os iguais. Mais uma vez, é a noite que traz consigo a possibilidade de ser quem se é.

Levando em consideração a noite e a importância que ela tem para o compositor na ideia de liberdade, em “O que você faz a noite” (GESSINGER; CUNHA, 2017) ficam bem claras as nuances que a noite fornece à vida e quando “se pode ser o que se é”:

O que você faz depois do fim da festa?  
Se nada resta



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Ninguém mais presta atenção

O que você faz depois do fim da festa?

Se manifesta a febre

E o corpo implora proteção

O que você faz

Se um bar parece um barco

E a cidade um oceano?

O que você faz

Se nenhuma escolha parece a certa

E toda descoberta parece um plano?

Você é o que faz a noite

Se você faz o que quer à noite

Você é o que faz a noite

Se você faz o que quer

Entrar na noite e nela construir novos mundos, pois “a noite era uma possibilidade excepcional” (LISPECTOR, 2015, p. 32), com escolhas que podem não parecer as certas, mas navegando no oceano das cidades e descobrindo novos planos de mudança, rompendo com o passado que é perverso e, quem sabe, ao amanhecer, a noite tenha sido do florescer de novas perspectivas, de alguma liberdade que se busca. Porque é, sobretudo, no imaginário que as transformações ganham força e, desta, vão para o real. Na noite é que se encontram os perigos que precisam ser vividos quando se quer alguma mudança. Se, o que talvez seja a liberdade, “ainda não tem nome”,

Eles queriam fruir o proibido. Queriam elogiar a vida e não queriam a dor que é necessária para se viver, para se sentir e para amar. Eles queriam sentir a imortalidade terrífica. Pois o proibido é sempre o melhor. Eles ao mesmo tempo não se incomodavam de talvez cair no enorme buraco da morte. E a vida só lhes era preciosa quando gritavam e gemiam. Sentir a força do ódio era o que eles melhor queriam. Eu me chamo povo, pensavam. (LISPECTOR, 2015, p. 34-35).

Outra canção é interessante na conclusão do pensamento e no recado a ser passado. Intitula-se *Além dos Outdoors*. Esse meio de divulgação e propaganda expõe de modo gigante uma ideia, um produto. Estar para além dos outdoors implica buscar nas entrelinhas uma saída e, muitas vezes, aquilo que está oculto. Está claro, está dado, mas não pode ser dito abertamente por, talvez, certo cerceamento de liberdade de



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

expressão. Ou melhor, aquilo que não é dito, não é posto às claras, mas está aí para todo mundo sentir, viver e transformar.

Além dos outdoors  
Muito além dos outdoors  
Além dos outdoors

No ar da nossa aldeia  
Há rádio, cinema e televisão  
Mas o sangue só corre nas veias

Por pura falta de opção  
As aranhas não tecem suas teias  
Por loucura ou por paixão  
Se o sangue ainda corre nas veias  
É por pura falta de opção

O destaque colocado para “muito além dos outdoors” é repetido enfaticamente no começo da canção, antecedido por sinais sonoros de Código Morse que transmitem a mensagem de “SOS”, um pedido de socorro, pois as influências de um mundo globalizado através do rádio, do cinema e da televisão, moldam os pensamentos e trazem a aparente falta de opção para uma juventude que questiona a realidade, mas não se envolve nela para transformá-la. Escutando o restante da letra, entendemos que a mensagem a ser decodificada é, mais uma vez, a condição de isolamento em meio a tantas informações e conhecimento disponíveis, mas falta sensibilidade para compreender o outro. Rádio, cinema, televisão, a tecnologia está disponível, mas que isola, ao invés de unir. Portanto, estar vivo, o sangue correr nas veias, é apenas uma consequência quase inevitável, mas não desejada, comparando-se com a aranha que tece sua teia por necessidade, por instinto, por natureza, mas não por sentimentos passionais de loucura ou paixão, quando ambos remetem a ausência de outro tipo de razão. Mas e aí?

Você sabe o que eu quero dizer  
Não tá escrito nos outdoors  
Por mais que a gente grite  
O silêncio é sempre maior

No céu, além de nuvens  
Há sexo, drogas e palavrões



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024** **FAEC/UECE - CRATEÚS**

As coisas mudam de nome  
Mas continuam sendo religiões

A sequência apresenta o mote central que coloca o silêncio acima do grito porque há uma imposição de limites ao que pode ser dito ou porque as pessoas se fecham, se fazem de surdas e cegas para o que está posto. Há, ainda, em tom denunciante, que as definições e aceitações das coisas que são ditas, anunciadas, mudam de nomes, mas continuam a ser as mesmas e assimiladas como religiões, ou seja, que não podem ser questionadas.

No dia-a-dia da nossa aldeia  
Há infelizes enfartados de informação  
As coisas mudam de nome  
Mas continuam sendo o que sempre serão

[...]

E o ar da nossa aldeia  
Há mais do que poluição  
Há poucos que já foram  
E muitos que nunca serão

Não obstante, as coisas continuam a se reproduzir natural e cotidianamente através da enxurrada de informações que nos cercam. Informações que padronizam gostos, qualidades e defeitos. Palavras que estão na moda, que são substitutivas de palavras de outrora, com nova roupagem, nomenclatura, mas cuja conduta se repete, a do controle social. Diante desse cenário, destacar-se em meio a multidão é para “poucos que já foram e muitos que nunca serão”. E este “destacar-se” não faz referência ao sucesso ou reconhecimento, mas sim, àquele que pensa fora dessa caixa que coloca todos seguindo a mesma entoada da canção.

Constata-se ainda que a tecnologia, a comunicação ampliada, a propaganda e o consumo desenfreado trouxeram mais do que poluição para o nosso cotidiano. A desigualdade imposta pelas possibilidades de acesso que se tem destas tecnologias e meios de consumo, ideológico ou material, produz impactos na sociedade, cria e aprofunda diferenças, comparações e, conseqüentemente, adoecimentos, isolamentos e o “silêncio é sempre maior”.



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

A música, além de arte é também meio de trabalho, de sobrevivência, por isso paga-se por ela, inclusive, muito dinheiro. Todavia, a liberdade poética numa canção permite fazer referência ao escritor Eduardo Galeano, citando sua obra *As Veias Abertas da América Latina*, considerando o continente jovem (menina), saqueado, historicamente, por ladrões que usufruem de nossas riquezas à custa de mortes, genocídios e muito derramamento de sangue em nome do progresso. “[...] o mito do progresso (uma concepção de tempo) e seu corolário, o mito da Educação (que faz da transformação de uma sociedade e de seus membros a ética de uma elite) [...]” (CERTEAU, 2015, p 10).

Certeau (2015, p 11) pode nos dizer mais sobre estas contradições e denúncias:

[...] em supor que o corpo, muito longe de ter que obedecer ao discurso, é ele próprio uma linguagem simbólica e que é ele que responde com uma verdade (desconhecida); em procurar nas representações os vestígios dos afetos (“intenções” e “desejos” etc. ou motivos e pulsões) que os produzem, e em identificar as astúcias (os “rodeios” de uma retórica) que constroem os quiproquós de um oculto e de um mostrado...

As relações de dependência se tornam inevitáveis no encontro. Como prática da escrita histórica, o corpo do outro leva as nossas próprias marcas, porque nele as inserimos. Dependemos do outro para nossa própria existência ser possível. “Mas o que assim se disfarça é uma colonização do corpo pelo discurso de poder” (CERTEAU, 1982, p 5).

Esses laços aparentes de dependência transformam-se no exercício do domínio, como na canção “Desde Aquele Dia” (1987):

Desde aquele dia  
Nada me sacia  
Minha vida 'tá vazia  
Desde aquele dia

Parece que foi ontem  
Parece que chovia  
Um rosto apareceu  
Uma heroína

O rosto era o seu  
(Seu rosto de menina)  
Parece que foi ontem



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

Parece que chovia

“Um rosto apareceu”, um rosto antes ausente. Agora, que posso defini-lo, imprimo as marcas da racionalidade que possuo, minhas impressões de mundo e nele ponho aquilo que desejo ter. O ausente se faz presente (CERTEAU, 2011). O que pode ser um problema, porque o ausente pode já ser conhecido pelo que se apresenta e também enquadrado com algo que se faz desejar propositadamente, mantendo assim o controle sobre o que é permitido ou que se autoriza. A impressão causada pelo que se vê, a “heroína”, que pode se tratar tanto da pessoa, como da droga que traz as alucinações e fez ver o rosto de alguém em suas ilusões. Isso se pensarmos em Freud e sua tese dos “substitutivos entorpecentes”, para suportar o “mal estar da cultura”, pois “não é confortável abordar sentimentos de maneira científica” e “não podemos cair fora deste mundo” (FREUD, 2020, p 306), denotando o porquê da incerteza de quando ocorreu e do que acontecia. Já não importa, na marcação do tempo, se foi ontem, hoje ou há bastante tempo, se chovia, se era noite ou dia. “Desde aquele dia”, a vida vazia não mais se preenchia.

“[...] Certas coisas que são prazerosas e por isso não se gostaria de abandonar não fazem parte do Eu, são objeto, e algo do tormento de que se quer livrar revela-se, no entanto, como inseparável do Eu, como sendo de procedência interna” (FREUD, 2020, p 309).

Assim,

Desde aquele dia  
Minhas noites são iguais  
Se eu não vou à luta  
Eu não tenho paz  
Se eu não faço guerra  
Eu não tenho mais paz  
Não aguento mais  
Um dia a mais, um dia a menos  
São fatais  
Pra quem tem sonhos pequenos  
Sonhos tão pequenos  
Que nunca têm fim

Parece que, diante do real, somos todos iludidos. E iludidos, passamos o tempo a buscar explicações que anulem essas ilusões que julgamos ser reais, isto é, o sofrimento. Sonhos que são sabidamente pequenos e sem fim porque nunca se realizam ou



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

encadeiam-se uns nos outros ante a falta de percepção do que é sonhar. Todos os dias são fatais quando a ideologia que reina nos faz buscar o que não queremos ou precisamos: é, mais uma vez, o cerceamento de nossa liberdade. Caímos, assim, na circularidade dos valores eternos que nos são impostos.

Eu só queria saber  
O que você foi fazer no meu caminho  
Eu não consigo entender  
Não consigo mais viver sozinho

Eu só queria saber  
O que você foi fazer no meu caminho  
Eu não consigo entender  
Não consigo mais viver sozinho  
Viver sozinho  
Viver sozinho  
Viver sozinho

Na construção de uma narrativa historiográfica, falar do real é sempre complexo, por que sempre algo restará perdido. Talvez a escrita, essa prática de colocar no papel as interpretações de mundo, isto é, sob o signo de *ficção*, uma vez que ocupamos um lugar e temos uma ideia de mundo, seja o que mais nos aproxime de tentar compreender algo, mesmo que nem tudo precise ser compreendido.

Aquilo que não foi dito pode ser encontrado nas artes para que não fiquemos presos (apenas) na objetividade dos fatos. Aquilo que a realidade não conta, pode ser visualizado, por exemplo, na letra de uma música: “Que o discurso como tal, obedeça a regras próprias, isto não o impede de articular-se com aquilo que não diz – com o corpo, que fala à sua maneira” (CERTEAU, 1982, p 70). O corpo jovem tem uma linguagem que é própria, muitas vezes contestadora e, no período em questão, com uma flama de revolta que o impingia a buscar a mudança, influenciado pelo rock e pelo momento político pelo qual passava o Brasil.

Finalmente, vejamos o que nos diz Certeau (1982, p 18-19) do ponto de vista da historiografia (discurso):

[...] De um lado o poder deve se legitimar, simulando acrescentar à força que o efetiva uma autoridade que o torna crível. De outro lado, a relação entre um "querer fazer história" (um sujeito da operação política) e o "meio ambiente" sob o qual se recorta um poder de decisão e de ação pede uma análise das variáveis colocadas em jogo



**XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE**

**TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!**

**02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS**

por toda intervenção que modifica esta relação de forças, uma arte de manipular a complexidade em fração de objetivos e, portanto, um cálculo das relações possíveis entre um querer (aquele do príncipe) e um quadro (os dados de uma situação). [...] através de uma série de situações, uma tipologia das relações possíveis entre um querer concreto e as variantes conjunturais; analisando as derrotas e as vitórias, ele esboça uma ciência das práticas do poder.

Em outras palavras, a escrita está reservada a uma estrutura de poder e um lugar. Assim, a *operação historiográfica* encontra-se impregnada de “passagens mal contadas”, “mentiras repetidas até tornarem-se verdades”, “segredos arrancados” e “páginas arrancadas”. Por isso, o “passado acaba sendo ficção do presente”.

A escrita do passado para o historiógrafo, sob estes termos, está marcada por procedimentos técnicos que não fogem à lógica do que deve ser agradavelmente esclarecido através de métodos racionais pré-estabelecidos. O que se escreve sobre o passado deve ser aceito pelo presente: o que se diz sobre os *mortos*, deve ser aceito pelos *vivos*. Determinado pelo lugar de onde se escreve. Isto, porém, é uma crítica, não uma concordância. Os caminhos levantados por Michel De Certeau, são outros: os de estabelecer uma crítica aos submissos estatutos da verdade historiográfica, através de uma pesquisa histórica que jamais se esgote em suas possibilidades e seja livre das amarras da racionalidade iluminista.

### ***Bibliografia***

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A fábula mística*. Trad.: Ábner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FREUD, Sigmund. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad.: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.